



sala preta
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v20i2p39-55

O Oficina pelo Oficina

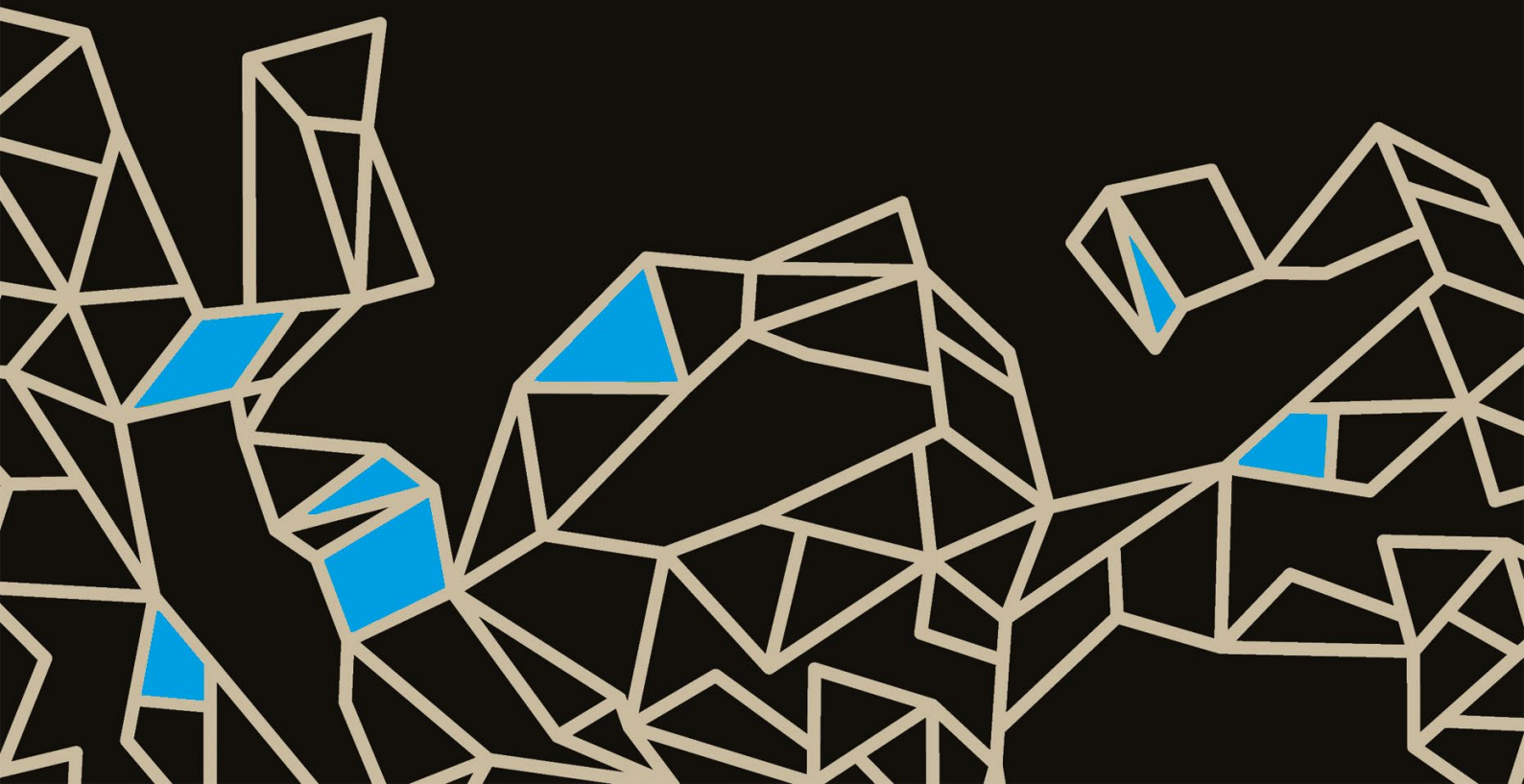
Bixigão

Bixigão

Sylvia Prado

Sylvia Prado

Sylvia Prado é atriz forjada na bigorna da Associação Teatro Oficina Uzyna Uzona, multiartista e mãe.



Puxo o fio da escrita embalada pelo axé recebido de Lina, no rito dos 40 anos de luta pelo chão do terreiro eletrônico, pois é isso, tudo se trata de um grande rito, a vida é um grande rito pra alguns, pra outros um grande mercado, um *mall*, um *good business*...

O axé passado por Lina, atriz mais jovem do Teatro Oficina, filha de Roderick Himeros e de Fernanda Taddei, me leva pra outros episódios em que as crianças me guiaram pela vida e me fazem entender o porquê de ter sido convidada pra escrever esse relato.

Sempre andei guiada pelas mãos de crianças, Ibejis, Cosmes, Damiãos e Doums...

No terreiro da eterna Mãe Estela, no Ilê Axé Opó Afonjá num início de ano na Bahia, crianças me tiraram do banco onde esperava ser recebida e pelo olhar delas entrei no ritos; entre corridas e risos, vi as casas de santo, entrei na Casa de Oxossi, fui Mãe Estela numa apresentação brincada de gira, no que me pareceu a mais real das incorporações. Por elas, meu corpo sempre balançou e perdeu as linhas rijas da adultisse, por elas, fiz, como Lina Bo Bardi, o impossível ficar factível, atravessando as paredes pelo ato de derrubá-las, assim como muros, empecilhos e impedimentos que dizem mais sobre quanto perdemos de nossa espontaneidade do que quais são as reais demandas de um mundo ADULTO, pois no fundo é assim. Seguir a vida sem perder o poder de *homo ludens*, sem se desligar da possibilidade de reverter realidades e inventar novas possibilidades, mais humanas, mais comuns a todos, mais ligadas à terra, ao bem comum, à falta de barreira que as crianças têm.

O Movimento Bixigão é isso, nasceu disso, e traz na simples pronúncia de seu nome tudo isso de volta.

A missão é dura, e de cara peço que a leitura desse relato seja um impulso pra que todas as mãos que construíram esse projeto se somem e acrescentem suas visões ao que escrevo, sintam-se invocadas, nomeadas, agraciadas, pois é impossível falar totalmente de um movimento construído a tantas mãos, a tantos corpos, tantas pulsões.

Escolho uma via, deixo espaços em branco, como se fosse passado a quem lê o direito legítimo de completar as frases, os quadros, e esse trabalho

passa da esfera do recebimento para a camada da construção conjunta, como um desenho interativo, um jogo infinito, aberto...

...

Ogum d'Angola e a falange de Oxum agô iê das criança Cosme Damião e Doum...

Ogum d'Angola e a falange de Oxum agô iê das criança Cosme Damião e Doum...

Nesse canto, peço licença para começar a falar desse FENÔMENO,

O Movimento Bixigão cronologicamente nasce em 2002, porém sua semente é plantada muito antes. Uma espécie de pólen lançado pelas aves migratórias, num trabalho de companhia que desde a sua fundação tem na Cultura, nas bases Oswaldianas da Cultura, a necessidade do teatro popular, a prática da arte como ponte de vida.

Não me refiro à trágica PONTE PRO FUTURO, slogan do Golpe, ponte que nos trouxe ao presente catastrófico onde estamos hoje. Uso uma ponte outra, a do Teatro Nô, a madeira pela qual as personagens entram e saem. Uma metáfora de transformação de tudo, da maneira como se atravessa os fatos, da forma como se criam outros mundos.

Foi a eterna filosofia de transformar Tabu em Totem que a meu ver deu início ao Movimento Bixigão.

Nós, a trupe de Zé Celso, estávamos num momento glorioso de atuação, num trabalho com Tadeu Jungle e a turma da publicidade, que transformava em DVD quatro de nossas obras. Toda a parafernália do audiovisual baixou nas terras do Bixiga: geradores, guas, luzes, carrões.

E nessa, nós, filhos daquele solo, iguais na estrutura sertaneja, fomos vistos pelo entorno como diferentes. Como um outro de quem se pudesse tirar algo.

Pois a realidade é essa, a gula patriarcal que nos gesta, a vergonhosa desigualdade que assola a cidade e o país – o que o resultado da eleição



municipal mostra ser o desejo da maioria em ser mantida –, essa diferença absurda entre acúmulo e ausência, só podia e pode produzir um instinto de violentas reparações pessoais...

Enfim, essa ilusão gerada nos transformou em alvo de tais reparações, e nas noites de gravação dos DVDs os carros das pessoas que trabalhavam ali e estacionavam nos arredores começaram a ter seus vidros quebrados, pertences furtados...

O que podíamos fazer?

Chamar a polícia?

NÃO, sem querer generalizar, mas a POLÍCIA não nos interessava e não nos interessa como INSTITUIÇÃO parceira.

O que poderíamos fazer para reverter o quadro?

Como agir na raiz...sem mais VIOLÊNCIA?

Deco, percussionista de *As Bakantes*, conhecia Pedro EPIFÂNIO, um cara do Bixiga, e nessa sorte do destino Pedro Epifânio virou nosso mestre-sala de entrada, nosso *host*, nosso mestre de cerimônia, o mais galante, cheiroso, e sorridente homem que já pousou na porta do teatro, ou seja, NOSSO EXU!

Imediatamente a mudança se deu, pois Pedro conhecia todo mundo, todo mundo o conhecia, e assim entendeu-se que éramos da mesma espécie, da mesma laia, e como irmão não fura olho de irmão, os furtos cessaram.

Mas o caso foi além da resolução do “problema”, pois esse Exú tinha muita história de luta, de vida: sobrevivente do massacre do Carandiru, 11 filhos, professor de Capoeira dos quilombos do Rio Saracura, esse homem bruto e doce, pela ginga de Elisete Jeremias, guardião do terreiro, foi aos poucos formando um cordão dentro da companhia. E, quando vi, estávamos nós nas flexões e nos polichinelos que precediam as aulas de capoeira, requebrando o corpo pra fugir de seus chutes. Desse encontro, dessa proximidade suada e física, foi brotando uma parceria e, quando a guarda caiu, Pedro nos convidou pra visitar o trabalho dele no estacionamento da Vai-Vai num domingo de sol.

Fui.

Cheguei cedo, cedo demais, mas lá estava já um menino, cabelo cortado em cuia, traços fortes de pintura de Tarsila, escrevendo na mão em caligrafia japonesa!

Logo gostei daquilo, perguntei seu nome.

- UGA, ele respondeu.

Entre silêncios e frases de aproximação, perguntei o que escrevia, e ele me disse que era o nome da menina que gostava, riscado em outra língua pra que ninguém soubesse!

Achei aquela arte de uma sagacidade sem fim.

Mas era só o começo. De repente, crianças de todos os tamanhos brotavam na quadra, ruidosas, de roupinha branca de capoeira. Esse movimento se deu num volume assombroso. Quando vi, o estacionamento estava cheio, lotado de crianças. Pedro chegou com aquele sorriso maroto, olhinho apertadinho, e numa ação instantânea, pois as palavras dele organizavam em segundos aquele cardume, numa palavra dele, toda aquela algazarra de crianças juntas se verteu numa linha atravessada na diagonal do espaço em ordem de tamanho, uma linha que se desdobrava nos comandos:

- daqui até aqui, ginga;

- daqui até aqui, tesoura;

- daqui até aqui, estrela;

- aqui, aú;

- aqui mortal!

De repente, como um quadro semelhante a uma Ópera de Pequim, a um treino acrobático do Circo du Soleil, o espaço se transformava num caldeirão de impulsos elétricos. Parecia o poema “Camelôs” de Bandeira, brinquedos de todas as cores e movimentos.

Tomei uma lição de infância!

Fui inundada por um maravilhamento, desses que reconectam você a sua alma, essas coisas que quebram sua perna...

Percebi imediatamente que me somaria àquela empreitada.

Pedro Epifânio era o exemplo a ser transformado, perpetuado. Toda sua trajetória, toda sua luta para sobreviver num país racista e capitalista como o nosso, fazia daquilo uma missão...

Era importantíssimo para ele que as condições daquele trabalho se expandissem, se regulamentassem. Ele queria ter carteirinhas, uniformes, ele queria o melhor, mudar na raiz a realidade perversa a que tinha sido submetido desde criança.

Topei na hora. No domingo seguinte cheguei com minha máquina fotográfica, uma Olympus Pen, e comecei a fotografar rostinho por rostinho...

Figura 1



Foto: Sylvia Prado

Olhem para esses rostos.

Sacamos que o caminho era escrever projetos. Pedro ia para minha kit no Copan e passávamos a tarde criando, falando besteira, e nessa troca nasceu o primeiro logo:



Foto: Sylvia Prado e Pedro Epifânio

Uma mistura de minha paixão pela Física com uma cópia direta do *Homem Vitruviano* de Da Vinci e já uma percepção afrofuturista da potência daquela ancestralidade negra, guerreira, na figura líder quilombola de Pedro. Não por acaso, encarnou nele o anteu Pajeú na montagem que nos uniu por cinco anos.

Pedro pegava tudo que produzíamos e imediatamente revertia para o todo, para o comum. Na semana seguinte à criação do logo, estavam as crianças vestindo as camisetas já “silkadas,” e seguíamos.

Fomos juntos para uma conversa com a diretoria da Vai-Vai num dia de ensaio na quadra. Nem sei descrever o que vivi naquela sala. No meio do Ouro Negro, com TODOS os líderes da escola de samba, batalhando por espaço, condições, parceria para que entendemos então ser um projeto social que já tinha outros artistas da companhia envolvidos, como Flávio Rocha, Fioravante Almeida, Leticia Coura...

Do lado de cá do morro, na rua Jaceguai 520, o movimento corria paralelamente. A cia iniciava os estudos de *Os Sertões* de Euclides da Cunha,

Zé Celso era nomeado cidadão paulistano pelo presidente da Câmara Municipal José Eduardo Cardoso. Nesse dia, 27 de março de 2002, dia do Circo e do Teatro, lançávamos o *Manifesto Cidadão Bixigão*, um jornal que trazia o histórico de 22 anos de luta encabeçada pelo Teatro Oficina. No texto, além do histórico, a proposta de REVERTER A GRANA QUE SERIA USADA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM SHOPPING pelo grupo SS para a CRIAÇÃO de UM CENTRO PRODUTOR DE CULTURA, onde diversas áreas do saber, guiadas por uma obra teatral, formassem uma universidade POPULAR!

Como todos sabem, essa proposta foi recusada, mas decidimos começar mesmo sem verba. Na verdade, já tínhamos começado, e a força daquela ação era irrefreável.

Em junho de 2002, exatamente no dia 13 de junho de 2002, dia de Santo Antônio, fizemos uma fogueira no teatro, uma enorme panela de paçoca de guerra, e abrimos as portas para que o coro de crianças com as quais estávamos trabalhando lá no estacionamento da Vai-Vai conhecessem o Teatro Oficina, Zé e a Cia. E vice-versa.

Foi um improviso de circo-teatro, número que repetimos na apresentação de o “Homem II”, as portas da Jaceguai se abriram, e uma festiva invasão se deu, uma sequência acrobática fulminante.

NESSE DIA SELAMOS O PACTO DE ESTARMOS JUNTOS. NESSE DIA INICIAMOS PUBLICAMENTE A PRÁTICA DA UNIVERSIDADE PROPOSTA NO MANIFESTO,

guiada pela transcrição de Os SERTÕES.

NESSE DIA NASCE O MOVIMENTO BIXIGÃO!!!

NESSE DIA NASCE A MONTAGEM HISTÓRICA DO OFICINA! (Na minha opinião).

O time todo do Oficina se juntou em mutirão: Mariano, Ito, Camila, Tommy, Zé de Paiva, Marcelo, Veronika, Gui, Otávio, Salahab, Aury, Fernando Coimbra, Karina, Fiora, Ana Gui, Fredinho, Liz, Wil... Carlos Caçapava, muita gente, como Pedro sempre dizia: “muitas cabeças pensam bem melhor que uma”

Eu fui para mesa de produção, não era boa em dar aulas, fui escrever projetos para viabilizar essa parceria.

Escrevi o Comunidade Bixigão, que Zé levou para as mãos de Lula. Mas foi nas mãos de Raí que o projeto aconteceu. O presidente da ONG Gol de Letra, trabalho de base na comunidade da Vila Albertina, entendeu a importância de nossa batalha, abraçou a causa e deu o primeiro passo para conseguirmos decolar. A produtora Roberta Koyama poderia falar aqui das maravilhas que fizemos com esse apoio: oficinas, livros de *Os Sertões* para todos, dicionários, instrumentos, materiais, comida, abundância, alegria!!!!

Figura 3



Somávamos, crescíamos, e a mulher mais importante do movimento se filiou a nós, FLÁVIA LOBO DE FELICIO – artista plástica, ativista, mãe, liderança feminista e com um olhar único pra questão social do mundo, Flávia merecia um artigo sobre ela. E certamente seria uma pessoa indicada para escrever esse relato, pois NADA, absolutamente nada, teria acontecido se essa mulher não se somasse a isso. Foi a dupla com quem mais produzi na vida, a viga mestra do Bixigão! Ela e Letícia Coura. Alicerces desse movimento.

Foram cinco anos de *Os Sertões*: “A Terra”, “O Homem” e “A Luta”, formando um coro mirim de atadores, alguns compondo o elenco em todos os espetáculos, outros compondo as cenas corais. O coro do Bixigão!

Tínhamos oficinas de tudo: leitura, estudo de texto, coreografia, música, teatro, circo, desenho, fotografia *pinhole* e, nas tardes-noites, ensaiávamos, dirigidos por Zé.

As crianças moravam nos arredores, na Ocupação da rua Abolição comandada por Carmem Silva, e nas cercanias da Vai-Vai, rua Almirante Marques Leão, rua Santo Antônio. Essa proximidade facilitava tudo e o tempo se dividia entre escola e teatro-rua. A grande sacada do Bixigão foi esse processo lúdico de aprendizagem, esse caminho de mergulhar numa das principais obras da literatura e da história do Brasil sem ser pelo viés da leitura obrigatória, da prova e tal. A linguagem do teatro e principalmente do Teatro Oficina, em que tudo acontece ao mesmo tempo, em que se aprende o tom da música enquanto se rebola, com o pé na tábua, já jogando com o outro, e ligado aos Urânidas... esse processo tudo-junto-misturado de trabalhar foi a grande pegada para o sucesso disso, pois seria impossível apaixonar, criar com essas crianças do Bixiga, se nosso processo fosse um processo didático, curricular, erudito. A maneira como as formações geognósticas díspares se fundiram aos corpxs, o modo como os oxímoros Euclidianos se desenrolaram em cantos, toda a transcrição da literatura em ação teatral fez do fio condutor, a absorção dos conteúdos, um mergulho sem volta. Sem barreiras. Era possível ouvir um texto de Euclides pronunciado nas ruas do Bixiga na passagem de um menino pedalando sua *bike*. Vivi Jaqueline Braga chegando no teatro aos berros dizendo que naquele

dia tivera a aula sobre a cena que tínhamos ensaiado na noite anterior. O surgimento do brasileiro, tipo abstrato que se procura.

A matéria fazia parte do corpo e chegava ao intelecto não como tijolo retórico, como anotação desinteressada, mas vinha de um processo cardíaco.

Nós nos irmanamos nisso, produzimos o que Euclides coloca em suas linhas na construção de Canudos – uma consanguinidade cardíaca de amor, éramos muitos, muito diversos, mas isso não nos afastou, isso nos sedimentou, nos uniu.

E, para nós, paulistas, urbanos, se dava a troca com os filhos dos sertanejos, herdeiros do legado dos últimos sobreviventes descritos na página do massacre, o quarteto diante dos quais rugia a multidão criminosa de soldados. O coro do Bixigão trazia a semente ancestral de tudo isso. No corpo deles, se via a falta de raquitismo exaustiva dos mestiços neurastênicos do litoral, eram o coro do Ta-i-tá, o balé que passa da total preguiça ao desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. Eram não, são!

Aneliê Schinaider, Ariclênes Barroso, Gilmário Júnior (Beijo), Cíntia Ingrid, Débora Santos, Edísio do Santos, Edna do Santos, Edilson Eduardo dos santos, Geni de Lira, Isabela Santana, Ivan Cardoso, Jacqueline Braga, Jhonatha Ferreira, Juliane Lira, Laene Santana, Luna Oliveira, Talita Martins, Thiago Martinho, Xandy, Elenildo de Moura Uga, Francisco Rodrigues Rato, Ingrid de Melo Torres, Talita Martins Souza, Mariana Silva de Souza, Mariana Oliveira, Izabela Boulhosa, Laene Santana, Tainá Aparecida, Yasser Lamarca Mariguela Narciso da Silva, Diego da Costa, Keller Cristina dos Santos, Deyvison Leandro Corrêa, Vanessa Rodrigues da Silva, Gisleide Glória da Silva, Rosângela Amorim, Viviane Santos Santana, Thamires de Souza, Rafaela de Jesus Nunes, Ricardo Domingues da Costa Silva, Gisele Beltrão da Silva, Luna de Oliveira, Carolina Almeida...

Passamos por toda a obra juntos, e cada enredo desenhava a participação do coro do Bixigão. As oficinas eram estruturadas pela demanda de cada montagem, mas, na base de tudo, estava o teatro. O Oficina era um pomar vastíssimo, sem dono, as estruturas de ferro, um enorme trepa-trepa



que fundia a coragem ao risco, o espaço que alguns veem ainda como um gigante de concreto e ferro se abria para as crianças como a caatinga se abria para o sertanejo. Eles devoraram a arquitetura de Lina Bo Bardi, passavam com máquinas, armas de madeira, coturnos, sandálias, em algazarra, como se tudo fosse um enorme pega-pega.

Um grande jogo!

Tenho ressaltado aqui só as maravilhas, mas não se enganem, tivemos percalços, erros, confrontos – e muitos. Poderia falar “kilometricamente” sobre eles, mas não quero. Talvez no final, como no livro, para que esse texto possa ser, além de um relato, uma reflexão que fomente nosso desejo de continuidade.

O processo gerou um campo de re-existência e afetividade que transcendeu o Bixiga. Pudemos viajar por quatro cidades do Brasil e duas na Alemanha. Alguns artistas do Oficina chegavam antes do elenco, descobrindo nas periferias das cidades quais eram as entidades locais que tinham um trabalho semelhante ao do movimento, e as crianças, num processo de auto coroação, eram as mediadoras das oficinas que realizávamos pra formação do coro mirim das cenas. Um intercâmbio guiado pela obra de Euclides, pelo teatro. Salvador, Recife, Rio de Janeiro, Quixeramobim, Recklinghausen, Berlim. Trocas memoráveis, mas vou ressaltar aqui o encontro entre o coro do Movimento Bixigão e o coro das crianças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) de Quixeramobim.

Enfim, pensem o que foi para esse coro toda essa possibilidade de troca...

Passamos cinco anos nessa vertigem. Iniciamos o ciclo em São Paulo com a estreia de “A Terra” em 2 de dezembro de 2002 e terminamos o ciclo apresentando o último capítulo de “A Luta” em Canudos, no dia 2 de dezembro de 2007, exatos cinco anos depois. Sim,

em CANUDOS! Sertanejos encontraram sertanejos!

...

Poderia acabar o relato aqui, e já teria valido, mas houve mais. Leticia Coura escrevia e aprovava um novo projeto, o Revista Bixiga Oficina do Samba. Bixigão, Trio Revista do Samba, Vai-Vai, Bixiga e Teatro Oficina se somavam

para produzir um disco, um *song book*, um DVD com direção de Tommy Pietra e um show encenado por Marcelo Drummond, trabalhando sobre sambas antigos do Bixiga. Na época, alugamos uma sede, construímos e compramos instrumentos, tínhamos nomes como Carlos Caçapava, Vitor da Trindade, Oswaldinho da Cuíca, aulas de cordas com Adriano Salahab, um processo luxuoso, fino e humorado feito Letícia. Esse material existe, pode e deve ser visto por quem tiver chegado até aqui.

Engatamos. Flávia e eu conquistamos o edital de Pontos de Cultura, com o projeto EM UMA COISA EXISTEM MUITAS COISAS, A LUTA DO MOVIMENTO BIXIGÃO NO TEATRO OFICINA. O título, inspirado na obra de Brecht *Horácios e Curiácios*, refletiu nossa nova era. Criado pelo saudoso ministro Gilberto Gil e o então vereador Celio Turino, o projeto previa a possibilidade de fomentar a cultura local de espaços, dar luz aos griôs, às comunidades quilombolas do país, um edital poético e preciso, e que na escrita nos parecia o caminho ideal para a solidificação do Movimento. Mas não foi. Tivemos três anos de prática transformados em cinco, por excessos de burocracias, atrasos, números...

Começo a descrever aqui o processo de declínio de nossa curva auspiciosa. Pois, apesar de termos realizado obras fundamentais e importantes, como montagens e oficinas; apesar de termos criado uma pequena universidade com estudos de jardim, cozinha, vídeo, música, artes da computação, voz, corpo, teatro, tecelagem, alfabetização teatral; apesar de termos somado nomes importantes da cultura e da arte brasileiras: Pascoal da Conceição, Lala Martinez, Raquel Coutinho, Elaine César (*in memoriam*), Luciana Brites, Fabio Delduque; apesar de tudo isso, mesmo assim fomos nos distanciando do cerne de nosso nascimento. Aqui as questões estruturais da cidade, do humano, incidiram diretamente na questão.

A ocupação guiada por Carmem Silva na época de *Os Sertões* fora esvaziada, seus ocupantes ganharam cartas de crédito e foram expulsos para as periferias da cidade. As crianças do Bixigão cresciam, já eram base do orçamento familiar, não era possível que continuassem no projeto sem receber salários, como recebiam na época de *Os Sertões* quando a companhia era patrocinada. As ajudas de custo do projeto já não valiam. Lembro de uma

reunião com os pais dos “Edisios”, irmãos que participaram do coro mirim de *Os Sertões*, em que essa realidade cruel caiu como um tijolo sobre nossos sonhos de continuidade. A verba do projeto era espaçada, presa a uma série de aquisições de equipamentos, prestações, lentidões, repartições... nosso processo se desligava do processo da companhia, apesar do trabalho dos artistas envolvidos.

E por fim, o selo do Ponto de Cultura, do qual nos orgulhávamos, não ampliou a rede de parcerias. Nossas conquistas, um piano e um biblioteca, não salvaram os “bixiguentos” da saída do projeto para o ingresso no mercado do subemprego. O Estatuto da Criança e do Adolescente escorria pelo ralo. Direito à formação? Ao aprendizado? À cultura? De que abstração começávamos a falar num país sem reforma nos processos de base?

Ainda assim, concluímos o projeto transformando os fatos: fizemos a montagem de *Cypriano e Chan-ta-Lan* e *O Bailado do Deus Morto*, a formação de novos coros, novas áreas de atuação. Mas, quando faço o balanço final desse período, vejo o engessamento nos moldes de uma estrutura já existente inadequada a nós, contabilizo a imensa pilha de reveses e um punhado de glórias. Do punhado de glórias: todas as crianças e jovens que passaram por lá, a parceria com o movimento Dulcinelândia do Rio de Janeiro de Freddy Allan e Acauã Sol, e nossa conquista de um novo prêmio. Com ele, realizamos uma série de ações de artes gráficas e corpóreas, ocupando os “baixios” do Minhocão em frente ao teatro nos fins de semana, um trabalho com os passantes e curiosos que saíam do sacolão. Produzíamos material *stencil*, “silkávamos” as camisetas de quem passava, um jeito leve de espalhar o movimento depois dos anos fechados na casa.

Todas essas ações contínuas nos faziam repensar o movimento, para recriar sua evolução. No ano seguinte, enquanto o Oficina viajava pelo Brasil, ocupamos as tardes do teatro com quatro oficinas voltadas para o bairro e para todos os interessados, concentrando o trabalho específico com crianças nas artes circenses, que se mostraram para nós, depois de todo o processo do Ponto de Cultura, o caminho mais coletivo e agregador do coro. Nossa musa da estação era Veronika Tamaoki e sua dupla Anne Loeckx. Foi um trabalho caprichoso. Lembro fortemente do raiar dos dias, da maneira como

Veronika recebia as crianças, num despertar felliniano. Lembro da ética aplicada por Anne como base de tudo.

Veronika e Anne foram figuras centrais nessa fase do processo. Formaram um time com artistas circenses brilhantes: Kiko Marques, Maluh Morenah, Pedro Levy, Luan Frank, Will Feitosa, artistas que se revezavam na pista ensinando saltos, tecidos, malabares, parceria, frutos da sororidade, dos entendimentos desse Matriarcado. A evolução do time era rápida. Os mais audazes serviam de modelo para os mais novos e em pouco tempo tínhamos um coro concentrado, potente. Esse coro se apresentou nas escolas da região. Saíamos numa kombi espalhando O CIRCO BIXIGÃO pelo bairro. Esse processo mambembe, da tradição passada de geração a geração, nos deu fôlego para mais três anos de atividades. O picadeiro se reconfigurou sobre a rua Lina Bo Bardi. O espaço foi preenchido com aéreos, tivemos o frio na barriga dos voos de trapézio ocupando as alturas do edifício de Lina Bo Bardi e Edson Elito, uma lona de circo foi montada no terreno, o elenco fazia espetáculos a noite e o coro do Bixigão fazia apresentações de circo nas manhãs de domingo.

Nos religávamos à origem do projeto, um mutirão socioeducativo. Estávamos em nossa menor dimensão, mas podíamos sentir nas ações simples o retorno às bases do primeiro Bixigão. Os lanches depois das atividades, um banquete de frutas, meu momento predileto do dia, revelava o íntimo de tudo. As crianças se abriam, contavam todos os casos e coisas, depois tínhamos ainda os banhos de mangueira no quintal do terreno, diminuindo o calorão do centro, a caminhada pelo bairro recebia sorrisos. Tudo era simples, mas vital.

Apesar dessa alegria, os editais já não existiam, organizávamo-nos com pequenas verbas, conseguidas aqui e ali, na Secretaria de Habitação, numa parcela de verba da companhia voltada a nós. Era apertado, mas dávamos um jeito... Mas a sequência de improvisos não se sustentou por muito tempo de forma edificante.

Passam-se um, dois, seis meses venturosos, derivados da exuberância da terra, até que surdamente, imperceptivelmente, num ritmo maldito,

se despeguem, a pouco e pouco, e caíam, as folhas e as flores, e a seca se desenhe outra vez nas ramagens mortas das árvores decíduas...

como no livro de *Os Sertões*, a variante trágica se aproximava... e assim como sertanejos nós a adivinhávamos pelo ritmo singular como se desenca-deava o flagelo...

O desmonte anunciado da Cultura, que o corpo teatral havia aprendido a passar como o homem do sertão, as agruras que enfrentaríamos em nos-sos corpos, não seriam sustentadas pelo corpo lúdico das crianças...

Eu gestava Ian, seria mãe, tinha sido mãe, muitas vezes madrastra má, de um coro de quase mil crianças naqueles 13 anos de trabalho, mesmo sem nenhum processo pedagógico de preparação, tendo ganhado ali, na presen-ça e na contribuição milionária de todos os erros, meu título de coordenadora do movimento. Eu, gestando meu primeiro filho umbilical, entendia com uma certeza fulminante a importância da continuidade dos processos de formação da infância, sacava os buracos irreversíveis que a intermitência e as falhas num processo educativo fazia... naquela gestação nutria a ciência de não le-var adiante um sonho onde não pudesse conduzir as crianças envolvidas no projeto até o outro lado da ponte...

Pela primeira vez, decidimos parar.

Lembro agora da letra de Karina Buhr, que também foi parte dessa história,

...dorme logo antes que você morra.

Colocamos o Bixigão para dormir para que entrasse em estado de so-nho e não visse o abismo onde a Cultura seria colocada nos anos seguintes...

Nossa ação não aplacou as tragédias da vida. Três perdas nos fulmina-ram: Pedro Epifânio encontrado enforcado em sua casa, Tiago Silva, acometido por uma doença fulminante, e Edilson Eduardo dos Santos nos deixou ano passado, na minha leitura, não resistindo ao golpe de ter sido apartado da arte.

Na retomada deste relato, outra perda se deu, Ivan Cardoso, jovem do Bixigão que passou pelo *Os Sertões*, pelo Ponto De Cultura, e inclusive trabalhou no Oficina na casa de produção, infartado.

A eles, ofereço esse texto, a eles e a todos que fizeram parte disso. Agradeço, me desculpo e somo forças para a luta pela Criação do Teatro Parque do Rio Bixiga, que será também o renascimento desse MOVIMENTO. Que possamos, mesmo diante de todo o caos que nos cerca, nos firmar em alianças potentes, em mutirões forjados na felicidade guerreira, para que isso se reconstrua, se perpetue. Como martírio do homem se liga ao martírio secular da terra, o Teatro Parque do Rio Bixiga trará replantado em seu solo as sementes guardadas desse movimento.

Minha saudação a todos que fizeram parte disso!

Salve os Ibejis

E um salve a Carol Castanho, que sem esperar pelo Parque pegou o bastão disso tudo e já sacode o bairro, força re-nascente do Bixigão na Casa 1.

Axé

25 de janeiro de 2021

Autora convidada



